

Fraga admite: país crescerá menos

Presidente do BC reconhece que PIB pode ter expansão abaixo de 2%. Investimentos em emergentes cairão US\$ 61 bi

GILSON LUIZ EUZÉBIO

A HORA DA



GUERRA

BRASÍLIA – O crescimento econômico do Brasil este ano, que já estava prejudicado pelas crises interna e externa, vai sofrer ainda mais por causa dos atentados nos Estados Unidos. Mas deve ficar um pouco acima da expansão da economia americana, estimada em 1,5%, disse ontem o presidente do Banco Central, Armínio Fraga. É a primeira vez que um integrante da equipe econômica admite crescimento abaixo de 2% neste ano, fora das projeções estabelecidas no acordo com o Fundo Monetário Internacional (FMI). No ano passado, o crescimento do PIB foi de 4,46%, mais do que o dobro do esperado para este ano.

Fraga disse ter ainda esperança de que o crescimento do PIB fique

acima de 2%, taxa de crescimento prevista para os países da Comunidade Econômica Européia. A projeção revisada do Banco Central, levando em conta os efeitos dos atentados terroristas nos EUA, será divulgada no fim deste mês, informou o presidente do BC na reunião conjunta das comissões de Economia e Finanças da Câmara e do Senado. Até março, o governo trabalhava com a perspectiva de o PIB crescer 4,5%, mas, reduziu suas previsões para 2,8% após a crise energética e o agravamento da crise argentina.

Crescimento – No acordo com o FMI, a previsão de crescimento ficou entre 2,2% e 2,8%. “Fomos atingidos por choques violentíssimos e ainda assim temos expectativa de crescimento superior à dos Estados Unidos”, orgulhou-se. Mas a redução do crescimento a menos da metade da taxa registrada no ano passado significa agravamento dos proble-

mas sociais no país. Isso porque deve haver fechamento de postos de trabalho, já que o índice positivo de crescimento deste ano será sustentado pelo desempenho do primeiro trimestre. No segundo semestre, houve queda de 0,99% no crescimento em relação aos primeiros três meses do ano, de acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

Para gerar emprego para todas as pessoas que chegam a cada ano ao mercado de trabalho, o Brasil teria que crescer a taxas acima dos 4,5% que o governo esperava para este ano. No ano passado, por exemplo, foram criados apenas 774 mil postos de trabalho no Brasil, enquanto seria necessário o dobro.

Fraga culpou “os cinco choques de oferta” pelos problemas econômicos do país, como queda de crescimento, desvalorização do real em relação ao dólar, aumento da inflação e da dívida do setor público. “Os choques de oferta

são os mais difíceis de administrar porque empurram a inflação para cima”, argumentou.

Sistema sólido – “A melhor resposta”, porém, disse Fraga, “é construir um sistema fiscal sólido” e aumentar a produtividade da economia. O deputado Sérgio Miranda (PCdoB-MG) discordou: sugeriu negociações com o FMI para liberar o dinheiro do superávit primário para investir em infra-estrutura e, assim, fortalecer o país para que possa enfrentar eventuais crises. “Esse custo (da política monetária e fiscal) está se tornando insuportável”, reclamou.

Fraga lamentou a interrupção da trajetória de queda na taxa de juros, iniciada há mais de dois anos, do crescimento da economia brasileira e da redução dos spreads bancários, que resultariam em menores taxas de juros para os clientes. Em contrapartida, afirmou que a combinação de fatores negativos vai permitir o

equilíbrio da balança comercial e a redução do déficit nas contas do Brasil com outros países.

Mas foi também a desvalorização cambial a principal responsável pelo prejuízo de R\$ 4,08 bilhões, acumulado pelo Banco Central no primeiro semestre deste ano. Segundo Fraga, o prejuízo com o câmbio foi de R\$ 3,84 bilhões. Se não fosse o câmbio e a alta dos juros, previu, o Banco Central teria lucro de R\$ 200 milhões no período.

Investimentos – O Instituto de Finanças Internacionais (IIF) divulgou ontem relatório em que prevê uma redução de US\$ 61 bilhões no fluxo de investimentos estrangeiros diretos para os países emergentes este ano, em comparação com o ano passado. A queda, de US\$ 167 bilhões para US\$ 106 bilhões, segundo o relatório, é reflexo dos atentados terroristas aos Estados Unidos e da desaceleração da economia mundial.

Ontem, o diretor geral do FMI, Horst Köhler, reafirmou em Washington que os mercados emergentes estão enfrentando dificuldades em função do aumento do risco interno. No entanto, ele destaca que não há motivos para pânico. “Os mercados estão atentos e, por isso, as economias emergentes devem continuar seguindo o curso das reformas estruturais”, disse.

Köhler afirmou ainda que, em 2002, a economia mundial vai crescer menos do que o previsto pelo FMI. “A impressão, no entanto, é que haverá uma recuperação da economia americana ainda este ano. Na economia global, talvez a recuperação venha mais tarde e seja menos forte do que o esperado há meses ou semanas. Mas, ainda assim, esperamos a recuperação deste cenário”, indicou.

Com agências internacionais